

A IDENTIDADE DO MESTIÇO BRASILEIRO REPRESENTADA EM OS SERTÕES

Maria Eliane Vieira Dantas, mestranda em Ciências da Educação- UNASUR,
maelidantas@hotmail.com

Francisco Dantas Veras Neto, mestrando em Ciências da Educação-
UNASUR,dantasveras@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O tema do mestiço é bem caracterizador da sociedade brasileira, a qual na sua identidade é demarcada pela presença das raças negra, índia e branca, sobretudo da mistura entre elas, o que resulta no “surgimento” do mestiço brasileiro.

A sociedade brasileira, portanto, desde o advento de sua independência em relação a Portugal procura se caracterizar como uma nação capaz e autônoma no seu caminhar em busca de um desenvolvimento, identificação e caracterização de uma identidade originalmente brasileira, cuja identificação se faz através da literatura e conseqüentemente da História.

Neste sentido, a literatura pode servir como um meio de trazer temas voltados ao caráter intimista e individual do sujeito, bem como tratar de temas relacionados aos grupos sociais (índio, mulher, negro, sertanejo, nordestino, “exploradores”, dentre outros), podendo ir e/ou não ao encontro do contexto histórico, sócio – cultural de uma dada época.

Deste modo a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicada em 1902, traz para a discussão o tema do mestiço, o que justifica o interesse em desenvolvermos um estudo genérico de caráter bibliográfico, tendo como objetivo uma leitura da visão de Euclides da Cunha sobre a história da mestiçagem brasileira em *Os Sertões*.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A representação identitária do mestiço como “definição” da identidade nacional

Os Sertões nasceram como a história da campanha de Canudos - é o que nos diz Euclides na "Nota Preliminar" do livro. Entre as visões inovadoras de Euclides, merece destaque a valorização, pelo menos no plano poético-narrativo, da mestiçagem. A capacidade de sobrevivência do sertanejo contra as adversidades da natureza e da guerra é extraordinária e admirável. A comunidade de Canudos consegue satisfazer as necessidades básicas de milhares de habitantes em plena

caatinga, num semideserto, onde vivem melhores do que nas fazendas. Entendemos a tônica posta no fator racial na obra *Os Sertões* quando se remete o modo de pensar que aproxima o livro à mente positivista que permeou a cultura de Euclides, engenheiro e militar na segunda metade do século XIX em um país culturalmente preso à França.

Por sua vez sabemos que com o desenvolvimento das civilizações no Brasil, os sistemas de identidade foram tomando forma configurando as relações raciais e a consequente determinação de papéis e definições de atributos morais, sociais e econômicos de que cada raça dispunha. Para tanto se faz indispensável conhecermos o conceito de civilização segundo Huntington (1996: 16), “O conceito de civilização universal implica primordialmente em uma cultura que seja comum a toda humanidade”.

A discussão sobre a identidade nacional configura-se, portanto, como uma maneira de destacar como a realidade brasileira, fendida e dilacerada, era a própria marca do fracasso dos sonhos da colonização e da monarquia portuguesas, dos conceitos que tomam por base o modo como se percebe as diferenças raciais no Brasil.

A identidade refere-se a uma dimensão da consciência e diz respeito ao sistema de valores que compõem a personalidade individual ou coletiva, uma vez que a identidade muda segundo a forma pela qual o sujeito é representado, a identificação não é automática, mas pode ser construída. Assim, há uma politização da identidade voltada para a diferença e não mais para a classe. Desse modo, Hall (2001, p.38) afirma que:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não como algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

No que se refere à questão racial, a teoria que vigorou com muita frequência nos finais do século XIX foi a da evolução das espécies, o darwinismo, que influenciou de forma marcante o pensamento sobre raças. Sendo assim faz-se necessária também uma compreensão sobre raça. Para Fernandes (1989), [...] “raça é uma formação social que não pode ser negligenciada na estratégia de luta de classes e de transformação dentro da ordem ou contra ordem.” (p.62).

A preocupação de Euclides da Cunha com o meio físico e a questão racial

em sua obra mestra - *Os Sertões*- diz respeito à identidade nacional. Sendo que, no esquema geral de *Os Sertões*, demonstra a crença na existência de raças superiores, por trazer consigo a ideia de que a mestiçagem representa um risco para a formação do povo brasileiro, pois o fruto pode herdar tanto os traços “positivos” como os “negativos” das espécies que se cruzam. Admitindo com isso, que os traços genéticos são transmitidos de geração a geração. Vejamos:

A mistura de raças mui diversas é na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem é um retrocesso. Como nas somas algébricas, as qualidades dos elementos que se justapõem não se acrescentam; subtraem-se ou destroem-se segundo caracteres positivos e negativos em presença. E o mestiço – mulato, mameluco ou cafuz – menos que um intermediário é um decaído, sem a energia física dos antecedentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possua, ele revela casos de hibridiz moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, feridos pela fatalidade das leis biológicas, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida. (CUNHA, 2000, p.15)

A esse respeito Nina Rodrigues descreve a mestiçagem como algo degenerativo para a nacionalidade. Pois, de acordo com Spencer, na vida animal, todo cruzamento entre variedades muito estranhas uma a outro, tem como resultado, produtos indesejáveis. Entretanto, o cruzamento entre variedades ligeiramente diferentes dá bons resultados. E assim esse pensamento poderia ser aplicado aos seres humanos. Visto que a mistura de raças muito dessemelhantes parece produzir um tipo mental sem valor. Em contraposição, as raças de mesma origem, através do cruzamento, um tipo mental muitas vezes superior aos seus tipos formadores.

Contudo, percebe-se a construção da representação identitária do mestiço feita por Euclides da Cunha se dá por dois processos diferenciados de mestiçagem: a litorânea, que resulta o mulato – tido como ser retrógrado -, cruzamento do negro com o branco; e a sertaneja, marcada pelo predomínio da miscigenação entre brancos e indígenas que tenderiam a elevar o Brasil à nação, isto é, elemento fundador de nossa nacionalidade. Observemos o sentimento de repulsa e admiração pelos mestiços:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É

gracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. [...] É homem permanentemente fatigado. Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude. [...] (CUNHA, 2000, P.16).

Dessa forma o mestiço do sertão teria vantagem sobre o mulato do litoral, devido ao isolamento histórico e à ausência de componentes africanos, tornando mais estável sua evolução racial e cultural. Para isso Euclides da Cunha reafirmou a tese de Nina Rodrigues apud Arthur Ramos (2004, P.100) que afirma:

Os fenômenos psicopatológicos do mestiço brasileiro, desde a instabilidade do seu caráter até as formas múltiplas da criminalidade decorreriam, do que chamou de os "dois princípios fundamentais: a herança pela larga transmissão dos caracteres das raças inferiores a que dá lugar e o mestiçamento, pelo desequilíbrio ou, antes, pelo equilíbrio mental instável que acarreta", desde as instabilidades de caráter, até as múltiplas formas de criminalidade. E conclui: "... acredito e afirmo que a criminalidade no mestiço brasileiro é como todas as outras manifestações congêneres sejam elas biológicas ou sociológicas, de fundo degenerativo e ligado às más condições antropológicas do mestiçamento no Brasil." Separando um pequeno grupo de "mestiços superiores" que por uma "combinação feliz" se apresentariam "perfeitamente equilibrados e plenamente responsáveis", entrariam os demais em duas categorias: as dos "mestiços evidentemente degenerados", total ou parcialmente irresponsáveis, e as dos "mestiços comuns, produto socialmente aproveitáveis, superiores às raças selvagens de que provieram".

Isto posto, percebe-se que Euclides da Cunha admite que a mestiçagem do sertão processou-se de modo diferente da mestiçagem do litoral, por esta última esta corrompida pelos processos negativos da civilização. Já que o sertanejo como estava afastado da mesma não teve o trabalho de adaptar-se a imposição civilizatória da sociedade superior, o que evitou que declinassem para as aberrações e vícios dos meios mais adiantados.

Apesar dos argumentos raciais estereotipados na questão da mestiçagem presentes na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, concluímos que a identidade nacional é mesmo mestiça, apesar da questão racial e da mestiçagem no Brasil, revelar-se ainda de uma extrema complexidade do problema e suas hesitações em face do mesmo.

CONCLUSÃO

Euclides da Cunha a partir de sua obra mestra, *Os Sertões*, usando de uma sensibilidade aguçada e de um olhar atento sobre a realidade do mundo em que se encontrava inserido, revela a ambigüidade característica da sociedade que formava

a nação brasileira, sobretudo a mestiçagem presente no sertão do nordeste do país, suas contradições entre os ideais republicanos pregados e as questões raciais adotadas na época.

Percebe-se, também, portanto que *Os Sertões* tem importância não apenas literária, mas também histórica e científica por desafiar a ideologia conservadora da época no sentido de denunciar os contrastes existentes entre o Brasil litorâneo e o do interior nordestino, haja vista que a sociedade brasileira da época constrói a imagem do mestiço como condenado a sofrer discriminações e enfrentar o preconceito de raças. Sendo que as noções e os conceitos apresentados até aqui nortearam o desenvolvimento do trabalho exposto, viabilizando o entendimento das diversas categorias inerentes às relações raciais, bem como a construção de identidades na formação do povo brasileiro.

Referências

CUNHA, Euclides da, 1866 – 1909. ***Os Sertões/Euclides da Cunha***; texto condensado por Celso Leopoldo Pagnan. – 1ª. ed. – São Paulo: Rideel, 2000. – (Clássicos Rideel).

FERNANDES, Florestan. ***O Significado do Protesto Negro***. 1ª ed. São Paulo, Cortez: Editores Associados, 1989.

HALL, Stuart. ***A identidade cultural na pós-modernidade***. 5ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

RAMOS, Arthur, 1903 – 1949. ***A Mestiçagem no Brasil*** / Arthur Ramos; tradução e revisão de notas por Waldir Freitas Oliveira. Maceió: EDUFAL. 2004. 172p. (Coleção Nordeste)

RODRIGUES, Nina. ***As coletividades Anormais***. Edição de Arthur Ramos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939, p.203.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. ***A Invenção do negro: Uns Percursos das Idéias que Naturalizaram a Inferioridade dos Negros***. 1ª ed. São Paulo: educ./fapesp; Rio de Janeiro, pallas – 2002 173p.

SCHWARCZ, Liliak Moritz. ***Questão Racial e Etnicidade***. IN – ***O que ler na Ciência Social Brasileira (1970 – 1995)***. Vol. 1 – Antropologia. MICELI, Sérgio (org). São Paulo: ed. Sumaré; ANPOCS; Brasília, DF ; CAPES, 1999.

SEYFERTH, Giralda. ***As Ciências Sociais no Brasil e A questão Racial, IN: Cativo e Liberdade***. Rio de Janeiro: UFRJ, 1989 p. 11 – 31.